



A PRODUÇÃO LITERÁRIA DE ALTAMIRANDO REQUIÃO: A BAHIA DO SÉCULO XVII NA FICÇÃO METAHISTORIOGRÁFICA

Cristiane Tavares Santos Melo¹

1 INTRODUÇÃO

A produção literária e a prática intelectual da Bahia, no início do século XX, vivem momentos de efervescência e tem o espaço do jornal como grande veículo de projeção da vida cultural baiana desse período. Enquanto em São Paulo e Rio de Janeiro, os artistas consolidavam os paradigmas estéticos do modernismo, na Bahia, muitos intelectuais também se articulam, contribuindo para a implantação de um sistema literário baiano.

Embora alguns intelectuais baianos tenham ficado de fora do cânone modernista, são inúmeras as figuras importantes que compõem os grupos de intelectuais baianos e que atuaram ativamente na produção literária desse momento. Vários podem ser os motivos que resultaram na pouca visibilidade da literatura baiana, do início do século XX, no cenário nacional, além da ausência de editoras, a maior parte desses artistas remava contra as estratégias de celebração dos modernistas paulistas ou mesmo porque não participavam dos círculos de poder e da entrelaçada rede de interesses, protecionismos e influências que os rodeavam.

A supervalorização do eixo Rio - São Paulo como centro de produção artística e a pouca visibilidade da literatura baiana, em esfera nacional, resultou no pagamento de diversas identidades que compõe a história cultural e intelectual baiana. Entre esses nomes encontra-se Altamirando Requião, escritor a quem se dedica essa pesquisa. Jornalista e escritor de importante participação política e intelectual, no cenário baiano e nacional, acompanhou a virada do século XIX para o século XX e participou ativamente de momentos importantes da vida cultural baiana, como a criação das primeiras Academias de Letras na Bahia.

¹ Graduada em Letras Vernáculas pela UNEB, especialista em Estudos Literários pela UEFS, mestranda em Literatura e Diversidade Cultural pela UEFS e membro do Grupo de Estudos Literários Contemporâneos (GELC).



Contemporâneo de Jorge Amado, Carlos Chiacchio, Rui Barbosa, Afrânio Peixoto, entre outros, Requião dedicou-se à poesia e ao romance, mas suas atuações no jornalismo e na política acabam tomando maior parte de espaço de suas atividades. Foi proprietário do jornal *Diário de Notícias* e atuou também como colaborador em outros jornais e revistas da Bahia e do Rio de Janeiro, onde publicou vários outros artigos e ensaios. O presente projeto intitulado *A produção literária de Altamirando Requião: A Bahia do século XVII na ficção metahistoriográfica* propõe o estudo da memória cultural da Bahia do século XVII a partir romance histórico *O Baluarte* (1976), bem como de alguns textos do autor, publicados em periódicos, que serão utilizados como subsídio para analisar o romance.

O romance *O baluarte* (1976) é o primeiro da série de ficção histórica, denominada *Crônica do Século XVII*, publicado pelo autor e que compreendem quatro romances, os outros três são: *Dom Marcos* (1976), *O Bravo Capitão* (1984) e o *Grande Fracasso* (1984). Os três primeiros abordam o momento histórico da primeira invasão holandesa na Bahia; e o último, a segunda invasão.

Para tanto, pretendemos, primeiramente, regatar o autor situando o momento cultural de produção e sua contribuição para a produção literária baiana. Aproveitaremos a oportunidade para discutir também algumas questões concernentes à constituição do cânone literário. Ao analisarmos o fato da supressão das identidades artísticas, como Requião, que apesar de ser um dos membros fundadores da Academia de Letras e estar no centro da produção intelectual baiana, não conseguiu deixar seu nome na historiografia oficializada pela crítica literária. Em seguida, analisaremos a obra *O baluarte* (1976), a partir das relações entre literatura e história e da ficção metahistoriográfica.

Nesta comunicação, esboçaremos apenas as primeiras as primeiras impressões do estudo em andamento. Pretendemos apresentar o autor, sua produção literária e aspectos que serão explorados no projeto mencionado acima. As informações aqui divulgadas fazem parte da etapa inicial da pesquisa que se constitui em situar o jornalista e escritor em seu contexto de produção. Em outro momento, pretendemos fazer uma busca aprofundada das publicações e escritos do e sobre o autor, tanto em seu arquivo pessoal, como nos veículos em que foram publicados os textos que, de alguma forma, relacionam-se a ele, a fim de elaborar a sua biocrítica.



2 BIOGRAFIA, PRODUÇÃO LITERÁRIA E ARTÍSTICA

Altamirando Requião interagiu com diversos segmentos da cultura baiana. Foi, juntamente com outros profissionais de seu tempo, uma importante referência do jornalismo baiano do século XX. Atuou como poeta, romancista, teatrólogo, contista, crítico, polemista, ensaísta, jornalista, professor universitário, advogado e foi membro da Academia de Letras da BA e correspondente das academias de MG e AL. Como foi dito antes, mesmo se tratando de uma figura que participou ativamente da produção cultural de seu tempo, o autor encontra-se apagado da historiografia oficial. Até o presente momento, encontramos apenas alguns textos críticos, publicados em seu tempo, sobre a obra do autor, no Jornal *O imparcial* e no *Diário de Notícias* e uma biografia intitulada *Atravessando um século: A vida de Altamirando Requião*, produzida por Claudio Veiga de onde recolhemos os dados que serão apresentados nessa comunicação.

2.1 POLÊMICAS

Nascido nos primeiros anos da República, no final do século XIX, na cidade de Salvador- BA, sua existência de quase um século de vida fez de Altamirando Requião uma personalidade que acompanhou e participou de perto da história política e literária da Bahia no século XX. Era dono do Jornal *Diário de notícias*, veículo de considerável circulação, no qual foram publicados textos literários de autores como Ronald de Carvalho, Olegário Mariano, Hermes Fontes, Monteiro Lobato e outros. Como diretor do jornal, acompanhou toda movimentação cultural e literária de sua época e recepcionou e cedeu espaço, em seu jornal, aos escritores visitantes da Bahia.

Em 1941, foi eleito presidente da Academia de Letras da Bahia, substituindo seu antagonista SEABRA. E, em virtude de novas atribuições, acabou caminhando em direções contrárias às letras. A trajetória de Altamirando Requião é marcada por eventos que lhe trouxeram notória visibilidade. A atuação no jornalismo, na política e nas letras lhe rendeu o envolvimento em algumas polêmicas, pois seus textos atingiram muitas personalidades importantes do período. Entre os vários eventos polêmicos que



compõem sua biografia citaremos apenas o processo judicial movido contra 30 bispos da Igreja Católica e o apoio dado por Requião a Virgílio Maurício, pintor carioca acusado de falsário e plagiador.

O primeiro episódio polêmico que marca sua biografia é um desdobramento dos embates travados com arcebispo D. Augusto Álvaro da Silva, seguido de um ataque feito, em 1933, por Altamirando Requião a um sacerdote defendido pelo arcebispo e de uma defesa feita a uma religiosa, em 1936, que é contestada pela mesma autoridade religiosa. D. Augusto Álvaro da Silva apóia o padre Ricardo que se sentia caluniado depois da publicação de um artigo no jornal assinado por Requião a processar o jornalista. Junto com o padre, trinta e oito membros do clero solidarizados com a situação o fizeram publicar um manifesto contra o Requião, por isso este moveu uma questão na justiça contra todos os eclesiásticos e ganhou a causa no final. Contudo, os embates entre Requião e D. Augusto Álvaro não cessam com o término do processo judicial.

A outra polêmica diz respeito ao fato de Requião, juntamente com Ronald de Carvalho e Renato Almeida, os dois últimos radicados no Rio de Janeiro, terem apoiado o pintor Virgílio Maurício diante das acusações de plágio quando este esteve na Bahia, em 1919. Em oposição a estes defensores do pintor estavam Presciliano Silva, assessorado por Carlos Chiacchio que por um bom tempo travou fervorosos debates com Requião. Essa contenda resultou na troca de publicações de alguns textos por parte dos oponentes citados, o que contribuiu para a popularidade maior dessa controvérsia. O pintor acabou sendo desmascarado no Rio de Janeiro, levando Requião e Ronald de Carvalho a publicarem textos esclarecendo o equívoco e a romperem com o artista plástico. Mesmo após a resolução dessa confusão, o assunto ainda rendeu várias trocas de injúrias.

Esses e outros fatos implicaram em uma maior exposição de Requião na época. Conforme Veiga, esse era um dos objetivos dessas ocorrências, já que “as polêmicas eram também um recurso infalível para aumentar a procura dos jomais” (1993, p. 57).



2.2 A POLÍTICA

Além de ter interagido ativamente, através da profissão de jornalista, com diversos acontecimentos do país, Altamirando Requião teve participação ativa na política partidária em meados do século XX. Era antisseabrista e apoiou Rui Barbosa nas eleições para o cargo de deputado federal e depois para estadual. Se elegeu para o cargo de deputado federal nos anos de 1934, 1945 e 1950. Como deputado, acompanhou Getulio Vargas em viagem até Argentina e ocupou muitos outros cargos, como segunda vice-presidência da Mesa da Câmara Federal e a presidência da Comissão de Educação, juntamente com Gilberto Freire e Jorge Amado. Em sua trajetória no parlamento participou ainda de situações e decisões importantes como a elaboração da Constituição de 18 de setembro de 1946.

Reconhecido pela atuação no parlamento, foi chamado pela imprensa de “campeão da palavra”. Defendeu e debateu propostas veiculadas à área da educação e pronunciou-se sobre a necessidade de que a nossa língua passasse a ser chamada de Língua brasileira, o que foi motivo de inúmeras discussões.

No período de suas legislaturas, lecionou Português e História, no Colégio Guanabara, no Distrito Federal e, em 1950, passou a escrever três artigos semanais para *A manhã* e um para *A Noite*. Como não conseguiu se reeleger, em 1954, trabalhou no Tribunal de Contas do Estado e voltou a ensinar no Colégio da Bahia até se aposentar, em 1963, com 70 anos.

2.3 DRAMATURGIA

Atuou como dramaturgo e escreveu algumas peças: como a “Queda do Gênio” (1911), drama dividido em três atos; “Héroi” e “Por um raio de Luz” (1915). Contudo, essas peças não foram encenadas, apenas lidas pelo autor em alguns eventos literários. Produziu também, em 1911, trabalhos sobre crítica teatral sobre algumas peças representadas por uma companhia dramática francesa que se apresentou no teatro Politeama.



2.4 POESIA

Como poeta, tornou-se conhecido pela sua peculiaridade romântica e colaborou em revistas e jornais da cidade. Em 1912, com o pseudônimo de F. Nietzsche participa de concurso de sonetos promovido pelo *Jornal de notícias*. Escreveu na revista *Via Láctea* e *Revista Brasil*. Nesta última, concentrou maior publicação. Lançou *Luz* em 1918, coletânea de poemas publicados também em outros suportes. A obra foi bem recebida pela crítica e recebeu comentários favoráveis de personalidades do escritor português João Grave e de Monteiro Lobato. Conforme Veiga:

A poesia de Altamirando Requião é tipicamente pré-modernista, com heranças românticas e alguns laivos de simbolismo. Embora marcado pelo passado, teve olhos para ver a nova poética que surgia no país. Antes que aparecesse, em 1928, o movimento Arco & Flexa, já acompanhava de perto as manifestações de modernidade na poesia brasileira. (VEIGA, 1993, P. 53)

Alguns de seus poemas possuem também uma forte influência do estilo poético de Álvares de Azevedo, Byron e Shakespeare. Por isso, foi chamado pelos escritores contemporâneos de seu tempo de “Apóstolo de ferro do byronismo” e “cultor fervoroso de Byron e Shakespeare”. (VEIGA, 1993, P. 53)

Em 1928, escreveu poesias modernistas, muitas delas são paródias, como o poema “Um prego”, inspirado no poema “No meio do caminho tinha uma pedra de Drummond:

UM PREGO

Eu ia pela estrada longa...
Pela estrada longa eu ia...
A estrada era longa, longa, longa...
E eu ia, ia, ia, ia, ia...

Um prego estava no meu caminho,
Virado de ponta para cima...
Bem no meio do caminho,
De ponta para cima estava virado, um prego!



E eu ia, ia, ia...
Ai! A ponta do prego...
Ai, meu pé!
Ai, meu pé!

2.5 CONTOS

Estreou na ficção com *Misérias- contos Fantásticos*, mas assim como Afrânio Peixoto excluiu seu 1º livro de sua bibliografia. Foram apontadas por Carlos Chiacchio algumas intertextualidades imoderadas por parte do autor.

Em 1928, lança “Visões Fidalgas e Plebéias”, coletânea de contos históricos.

2.6 FICÇÃO E HISTÓRIA

O primeiro romance, intitulado *Brutos e Titãs*, foi lançado em 1923 e surgiu primeiramente sob a forma de folhetim e somente depois é que foram lançados 2.200 exemplares pela editora de Monteiro Lobato. Segundo Veiga (1993) este romance tem caráter regionalista e é marcado pela experiência adquirida por Requião quando viveu no sertão baiano dez anos antes de sua publicação. A produção do romance é acompanhada por Monteiro Lobato que, inclusive, dá sugestões ao autor para que a obra venha a ser reconhecida pelo público-leitor.

Após o ano de 1940, depois de muito ter se dedicado ao jornalismo e à política, Altamirando Requião dá continuidade a sua produção literária, voltando-se para o romance histórico. Contudo, anteriormente, em 1914, já se tem registro do propósito do autor com a discussão sobre literatura e história quando a imprensa anuncia outro livro do autor *Crítica e História*, obra que acabou não vindo a público.

Na série de ficção histórica denominada *Crônica do Século XVII*, Requião aborda o momento histórico das invasões holandesas na Bahia. Trata-se dos romances *O Baluarte* (1976), *Dom Marcos* (1976), *O Bravo Capitão* (1984) e o *Grande Fracasso* (1984). Os três primeiros abordam o momento histórico da primeira invasão holandesa na Bahia; e o último, a segunda invasão. Esta série traz uma contribuição significativa para se pensar a relação entre literatura e história, uma vez que o jogo entre o histórico e ficcional está presente também na produção romanesca de Altamirando Requião.



Em *O Baluarte* (1976), o autor deixa claro que pretende recompor a memória do período. Seus romances são resultado de estudos de textos pertinentes à historiografia tradicional sobre o século XVII que consultou compor as crônicas. Ressalta que apesar das narrativas serem baseadas na História, não nega que possa haver nelas fantasias, o que problematiza as fronteiras entre o relato ficcional e o histórico:

[...] é que iremos assistir aos fatos supervenientes desta humaníssima narrativa, no desenrolar de cujas páginas honestas a fantasia, quanto lhe caiba, não sacrificará jamais a substância da Verdade e da História, porque é delas que vai retirar, precisamente, os elementos indispensáveis ao seu curso... (REQUIÃO, 1967, P. 20)

Requião publicou alguns ensaios no Jornal *O Imparcial*, em 1940, onde expõe seu projeto sobre a o romance histórico e problematiza a constituição deste gênero. Em uma das publicações intitulada “História e romance histórico”, defende que o romance histórico deve se basear na verdade histórica, mas não pode perder as tintas da ficção e afirma que pretende mostrar as contradições presentes nos discursos históricos construídos sobre a Bahia do século XVII.

Em outro ensaio denominado “Entregando o baluarte à Bahia”, também publicado no mesmo jornal, em que apresenta *O Baluarte* como primeiro romance da série que pretende produzir, fala dos impasses encontrados durante a escrita de seu romance diante da contradição e dubiedade encontradas nos documentos históricos. É possível perceber que o autor afirma que pretende construir suas obras á luz das “verdades históricas”, mas, durante o percurso de suas exposições desconstrói, talvez até mesmo de forma involuntária, a concepção de existência de uma verdade absoluta nos discursos produzidos pela História, quando ele mesmo afirma que esta, por vezes, acaba falseando os fatos.

Diante disso, pretendemos também investigar até que ponto Altamirano Requião e sua produção de romances históricos não antecipam alguns elementos pertinentes à proposta da metaficção historiográfica, concebida por Linda Hutcheon, uma vez que de acordo com a autora, “[...] a metaficção historiográfica se aproveita das verdades e das mentiras do registro histórico” a fim de revistar o passado e questionar os discursos que foram construídos sobre ele.



Apesar do autor não possuir a postura pós-moderna suscitada por Hutcheon e de haver, na obra de Requião, uma espécie de celebração do passado, o autor apresenta uma autoconsciência sobre a construção dos fatos decorridos no século XVII e dos equívocos que construídos sobre a memória cultural da Bahia nesse período. Por isso, aponta a necessidade de reescrever o passado. E assim o faz de maneira que suas crônicas desautorizam alguns relatos históricos desse período.

Requião nos traz à tona, através dessa revisitação ao passado, o questionamento do status da narrativa histórica de que fala Hayden White. Este afirma que, por muito tempo, os estudiosos da história e da literatura consideraram a narrativa histórica como um “artefato verbal que pretende ser um modelo de estruturas e processos há muito decorridos e, portanto não sujeitos a controles experimentais ou observáveis.” (WHITE, 1994, p. 98). O que, fica implícito, no entanto, na escrita de Requião, é que os registros históricos a respeito dos conflitos colônias na Bahia são incompletos ou controvertidos, conforme vemos abaixo:

O seu livro está aí, revivendo um período colonial profundamente controvertido e balburdiado do primeiro quartel do século XVII. Basta esclarecer para positivar os empecos, (SIC) encontrados pelo romancista, que na maioria dos fatos e das figuras da época, raramente, os maiores e mais autorizados historiadores se acham de acordo, quer em suas narrativas quer em seus julgamentos. O que é freqüentemente comum é contradizerem-se e desmentirem-se reciprocamente, criando (SIC) situações de dubiedades e incertezas. (REQUIÃO, 1940, p. 4)

Além da discussão sobre a metaficção de Altamirando Requião, estudaremos mais adiante, alguns aspectos culturais da Bahia, no século XVII, que estão presentes em “*O Baluarte*, como a presença dos esconderijos/porões subterrâneos; os meios de transportes da época, como a cadeira de Arruá; o namoro na Bahia seiscentista e as transformações da cidade e das ruas de Salvador no período mencionado, etc.

Aproveitaremos a oportunidade para discutir também algumas questões concernentes à constituição do cânone literário. Analisaremos o fato da supressão das identidades artísticas, como Requião, a fim de investigar quais teriam sido os fatores responsáveis pela anulação dessa personalidade na memória cultural da Bahia, mesmo apesar de ser um dos membros fundadores da Academia de Letras e estar no centro da produção intelectual baiana.



3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória de Requião nos mostra que ele esteve no cenário literário por várias décadas, publicando vários gêneros literários e em vários meios e suportes de comunicação. Ele soube transitar pelo mercado, conseguindo o que julgava necessário para cumprir sua missão literária. Muitos outros autores os autores baianos do período referido também foram segregadas do cânone brasileiro, por não pertencerem ao eixo do centro-sul ou mesmo por não se enquadrarem nos moldes estabelecidos, foram da mesma forma excluídos.

No caso específico de Altamirando Requião, alguns fatores podem ter contribuído para a sua supressão da historiografia literária baiana. Entre eles, estão a associação do autor com ideologia integralista e partidos políticos de direita, posto que os grupos literários mais fortes e consolidados faziam parte dos grupos políticos de esquerda, como as gerações dos “Jovens Rebeldes de 1928 e “Arco e Flexa”; por ter cultuado a tradição e os modelos clássicos, a exemplo dos romances históricos tradicionais, em meio a efervescência estética suscitada pelo projeto modernista; ou mesmo pela dificuldade de ter produzido num momento em que se tinha Jorge Amado como autor de obras de maior prestígio social e circulação.

Os estudos feitos até o presente momento da pesquisa ainda não nos possibilita afirmar ou negar a importância que poderá ter os fatores mencionados acima para a falta de visibilidade do artista estudado. Este trabalho está longe de trazer repostas e ainda tem um caminho longo a percorrer. No entanto, a variedade presente na produção do autor nos remete à hipótese de que ele tentou se enquadrar em algumas estéticas predominantes no momento, como por exemplo, através das produções de poemas com caráter modernista e paródico. Pode ser que o fato de não ter se enquadrado a nenhum grupo de prestígio tenha contribuído para o seu esquecimento, mas pode ser também que o caráter estético de sua produção tenha influenciado na sua aceitação pela crítica. São essas e outras questões que pretendemos discutir no decorrer da pesquisa.

Como vimos, a atuação de Altamirando Requião na produção cultural baiana não foi passiva, nem débil, mesmo diante de um cenário literário dominante. Muito pelo contrário, ele soube transitar dentro das limitações impostas pelo cânon dominante e



soube também se aproveitar da atividade como jornalista e de sua posição social para conseguir construir sua trajetória literária.

Todas as implicações que resultaram na exclusão de obras e autores importantes para a compreensão da memória cultural da Bahia mostram que o cânone literário baiano não pode ser concebido como a única literatura que temos, mas apenas uma parcela desta. Ao estudar um escritor totalmente desconhecido pretende-se contribuir para a valorização da memória cultural e intelectual da cidade de Salvador, bem como para a ampliação do cânone literário baiano.

RESUMO

Contemporâneo de Jorge Amado, Carlos Chiacchio, Rui Barbosa, Afrânio Peixoto, entre outros, Altamirando Requião dedicou-se à poesia e ao romance, mas suas atuações no jornalismo e na política acabam tomando maior parte de espaço de suas atividades. Foi proprietário do jornal *Diário de Notícias* e atuou também como colaborador em outros jornais e revistas da Bahia e do Rio de Janeiro, onde publicou vários outros artigos e ensaios. O presente projeto intitulado *A produção literária de Altamirando Requião: A Bahia do século XVII na ficção meta-historiográfica* propõe o estudo da memória cultural da Bahia do século XVII, a partir romance histórico *O Baluarte* (1976), bem como de alguns textos do autor, publicados em periódicos, que serão utilizados como subsídio para analisar o romance. Para tanto, pretendemos, primeiramente, trazer o autor, situando o seu momento cultural de produção e sua contribuição para a produção literária baiana. Aproveitaremos a oportunidade para discutir também algumas questões concernentes à constituição do cânone literário, ao analisarmos o fato da supressão das identidades artísticas, como Requião, que apesar de ser um dos membros fundadores da Academia de Letras e estar no centro da produção intelectual baiana, não conseguiu fixar seu nome na historiografia oficializada pela crítica literária. Em seguida, analisaremos a obra *O baluarte* (1976), a partir das relações entre literatura e história e da ficção meta-historiográfica.

PALAVRAS-CHAVE: Altamirando Requião; Literatura baiana; ficção.



BIBLIOGRAFIA

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós – Modernismo: história, teoria e ficção*. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1991.

REQUIÃO, Altamirando. *O Baluarte: crônica do século XVII*. Rio de Janeiro - São Paulo: Record, 1976.

_____. História e romance histórico. *O Imparcial*, Salvador, p. 4, 1º dez. 1940.

_____. *O Baluarte: crônica do século XVII*. Rio de Janeiro - São Paulo: Record, 1976.

VEIGA, Claudio. *Atravessando um século: A vida de Altamirando Requião*. Rio de Janeiro: Record; Salvador, BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1993.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: Ensaio sobre a crítica da cultura*. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.